

## EM DEFESA DA TOTALIDADE

Diego Carvalho Corrêa

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA)

*dccfsa@gmail.com*

**Resumo:** Este texto tem por objetivo realizar reflexões acerca da totalidade enquanto projeto metodológico e sua contribuição para História. No texto apresentamos como autores influentes nos distanciaram deste método e, demonstramos como a totalidade circunda a análise do pesquisador nos autores do século XX.

**Palavras-chave:** História; todo; partes; totalidade.

### 1. INTRODUÇÃO: De Durkheim a Strauss,<sup>1</sup> fragmentação do todo.

Desde o início do século XIX<sup>2</sup>, que autores debruçam-se sobre temas das Ciências Sociais e da História com objetivo de sistematizar métodos e definir objetos próprios para estas. Em particular, problematizações oriundas do século XIX ganham força de novidade em meados e fins do XX, haja vista as variações de proposições epistemológicas em torno de temas como sujeitos, as subjetividades, da apreensão do concreto e real, diacronia e sincronia, e da distância entre sujeitos e objetos de pesquisa. De todo o longo debate, podemos retirar deles algo que se tornou um elemento constante de busca, a totalidade, que pode ser definida como uma finalidade do esforço metodológico que consiste em alimentar a busca pelo maior número de elementos que definam um fenômeno histórico, relacionando sempre as partes, ou elementos particulares sincrônicos e diacrônicos de um objeto. E o todo, ou o os elementos formando um conjunto equilibrado de fenômenos em contradição.

Escolhemos alguns autores fundantes de linhas de pensamento para alimentar nossa reflexão, o primeiro é Émile Durkheim (1858-1917) que defendeu a busca de leis gerais, naturais, que expliquem a causalidade de fatos que podem ser definidos como sociais.<sup>3</sup> Sua proposição reconheceu que uma ciência nasce sempre na atenção e

---

<sup>1</sup> Consideramos autores aqui debatidos pioneiros de metodologias de pesquisa, cruciais para reflexão epistemológica e que se tornaram influentes a exemplo de Durkheim (1858-1917) e Marx (1818-1883).

<sup>2</sup> Poderíamos rever momentos anteriores, porém o XIX é o grande momento de sistematização de problemas particulares e definição epistemológica e metodológica das ciências históricas e sociais.

<sup>3</sup> “É fato social toda maneira de agir fixa ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior; ou então ainda, que é geral na extensão de uma sociedade dada, apresentando uma existência própria, independente das manifestações individuais que possa ter”. Ver: DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. 6 ed. São Paulo: Nacional, 1972. p. 11

absorção daquilo que fora postulado por outras ciências consolidadas, assim, a ciência social em fase “evolutiva” deveria observar as ciências circunvizinhas que tinham método próprio, definindo a tal ponto que poderia chamar-se manifestação de ciência, com regras, métodos e leis, uma sociologia que se aproximaria das ciências naturais, definindo que a ciência não pode ser abstração do plano ideal de filósofos ou especuladores, que há chances de encontrar regras gerais de causação por método dedutivo.

Encontra-se no autor a busca pelo distanciamento entre sujeitos e objetos para elucidação de leis de causação generalistas conforme as ciências naturais. Objeto é “coisa”<sup>4</sup>, distância e prudência são meios. Este método se espalha entre autores do século XX. As ciências humanas se veem contaminadas por tal expectativa de solução de análises empírica, onde a realidade estará exposta e será apreendida por meios do desvendamento de leis. Porém, sua insistência na neutralidade axiológica<sup>5</sup> não demonstrou capacidade de resolução do problema das escolhas do sujeito pesquisador e suas interferências em seus objetos e pesquisas, pois, define a separação que deve ser posta entre tais, ocultando em muito, os indivíduos e suas capacidades de atuantes na composição de fatos sociais. O método parte sempre do coletivo, já que, “a sociedade é mais que soma dos indivíduos vivos que compõem: é uma síntese que não se encontra em cada um desses elementos, assim como diferentes aspectos contidos na célula; a vida está no todo e não nas partes”<sup>6</sup>, sugestões importantes em Durkheim que o colocam de alguma forma como próximo da totalidade, mesmo no esforço para se afastar. Percebe-se nele o desmembramento da concepção dialética totalizante presente em Marx, onde partes não contribuiriam para a compleição da análise sociológica, e conseqüentemente histórica.

O grande fator dissonante com a História seria a diacronia suprimida de seu método, dando a Ciência Social um “não movimento”. A ciência do não movimento é a

---

<sup>4</sup> O Objeto é entendido sempre a partir da distância impressa entre o sujeito pesquisador e este, portanto, “coisa” tem sentido de algo manipulável sem interferência subjetiva do autor.

<sup>5</sup> A neutralidade axiológica trata da isenção de valores nas ciências, ou seja, a capacidade do autor não interferir de forma alguma no seu objeto de pesquisa.

<sup>6</sup> QUINTANEIRO, Tânia; BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira; OLIVEIRA, Márcia Gardênia de. **Um toque de clássicos: Durkheim, Marx e Weber**. Belo Horizonte: UFMG, 1995. p. 17

ciência da sincronia, do fora do tempo e da “coisa” como objeto estável. Nas sociedades devem ser buscados os sentidos de seu funcionamento sincrônico, sentido dado às representações, estados de consciência coletiva.

Método diverso é o de Lévi-Strauss, mas que também optou por uma metodologia que fizesse do objeto de estudo da etnologia uma “coisa”<sup>7</sup>, tentando definir como sentido último da pesquisa, a elucidação de estruturas que atingiriam a objetividade científica por identificar determinações subjetivas, através da revelação das estruturas cognitivas que não poderiam ser modificados, pois a estrutura inconsciente é que explica as mesmas instituições e costumes em lugares/épocas diferentes.<sup>8</sup> Essas estruturas seriam permanentes sobrepondo-se a história, pois o espírito do homem seria imutável e a revelação deste seria seu objetivo último. O único objeto que possuiria continuidade e possibilidade de ser demonstrado pela história, seriam as estruturas, pois essas se sobressaem, segundo este, sobre os fatos, acontecimentos e o movimento da história. Diz Strauss;

Na etnologia como na lingüística, por conseguinte, não é a comparação que fundamenta a generalização, mas o contrário. Se, como cremos, a atividade inconsciente do espírito consiste em impor formas a um conteúdo, e se as normas são fundamentalmente as mesmas para todos os espíritos, antigos e modernos, primitivos e civilizados – como o estudo da função simbólica, tal como se exprime na linguagem, o mostra de maneira tão notável - é preciso a cada atingir a estrutura inconsciente, subjacente a cada instituição ou a cada costume, para obter um princípio de interpretação válido para outras instituições e costumes, sob a condição, naturalmente, de estender bastante a análise.<sup>9</sup>

O estruturalismo como procedimento, encobria em si a capacidade subjetiva e objetiva de atuação de sujeitos no movimento da história. A observação de estruturas que são atemporais, a-históricas, tornam-se terreno perigoso para nós historiadores, de

---

<sup>7</sup> “Coisa”, no sentido de exterioridade do sujeito que pesquisa e seu objeto, e de fatores determinantes sobre estes objetos, neste caso as estruturas inconscientes.

<sup>8</sup> REIS, José Carlos. História e Estruturalismo: Braudel *versus* Lévi-Strauss. In: **História da Historiografia**, Número 1, agosto 2008. p. 12

<sup>9</sup> LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural dois**. 6. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003. p.37

acordo com Reis, “retira o valor cognitivo da temporalidade, que a história privilegia”.<sup>10</sup>

Lidar com um objeto que estaria isento de influência do tempo-espaço<sup>11</sup> ou acreditar que as estruturas formadas neste tempo-espaço estavam invulneráveis à ação dos sujeitos, retirava as particularidades, diacronia e sincronia do tempo. Porém, Strauss admitia as circunstâncias ainda novas enfrentadas pelo estruturalismo, porquanto, “certos desenvolvimentos da vida social comportam, sem dúvida, uma estrutura diacrônica”<sup>12</sup>, sendo muito mais complexos os estudos destes.

Weber estava situado nos calorosos debates – momento de definição da história enquanto “ciência” - do XIX em comum com os outros autores. Como exemplo disto percebe-se uma pregação de um materialismo dialético de acesso difícil em sua obra.

Através de um método indutivo, Weber buscou dar objetividade a pesquisa histórica, a despeito desta, uma ciência que busca a causalidade de fenômenos sociais. Sua posição metodológica máxima é a idealização de tipos comparáveis a situações fenomenológicas específicas, conseqüentemente particulares, que permitiriam ao historiador chegar a uma objetividade na comparação do singular com o ideal complexo, formulado pela observação dos fenômenos e sujeitos, chegando a causalidade dos fenômenos. Por isso “O significado de um conceito-limite, puramente ideal, em relação ao qual se mede a realidade a fim de esclarecer o conteúdo empírico de alguns dos seus elementos importantes, com o qual esta é comparada.”<sup>13</sup> Este, (...) “consiste sempre em tomar rigorosamente consciência do que é genérico, mas, muito pelo contrário, do que é específico a fenômenos culturais.”<sup>14</sup>

Weber proporcionou uma separação fundamental com Marx. A totalidade aparece somente enquanto método a ser superado na possibilidade objetiva e causalidade adequada, assim,

---

<sup>10</sup> REIS, José Carlos. História e Estruturalismo: Braudel *versus* Lévi-Strauss. In: **História da Historiografia**, Número 1, agosto 2008. p. 11

<sup>11</sup> Segundo Lévi-Strauss, o espaço é que detém maior influência sobre a história e os sujeitos.

<sup>12</sup> LEVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural dois**. 6. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003. p.37

<sup>13</sup> WEBER, Max. **Metodologia das ciências sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1993. p. 140

<sup>14</sup> *Ibidem*, p. 145

Quando se afirma que a história deve compreender de maneira causal a realidade concreta de um “acontecimento” na sua individualidade, obviamente não se pretende dizer com isso, como já vimos, que lê deve explicar causalmente e “reproduzir”, por completo, a totalidade das suas qualidades individuais: esta seria uma tarefa não apenas impossível, de fato, mas também, absurda, em princípio. À história interessa exclusivamente a explicação daqueles “elementos” e “aspectos” do respectivo acontecimento que, sob determinados pontos de vista, adquirem uma “significação geral” e por causa disso, um interesse histórico.<sup>15</sup>

Um dos aspectos importantes presente na concepção dialética de totalidade em Marx, que seria a capacidade de influência histórica na causação de fenômenos proporcionadas por indivíduos, é amadurecida em reflexões no abandono da perspectiva totalizante.

### **Das “estruturas” do século XX.**

No século XX temos a volta das problematizações em relação à metodologia da História e Ciências Sociais. Sobre forte influência de autoafirmações de outras ciências e mudanças sociais cada vez mais aceleradas, historiadores se veem obrigados a investir em novos temas e problemas, porém prevalecendo sistematizações metodológicas do XIX<sup>16</sup>.

O positivismo de Durkeim, o estruturalismo de Strauss e os tipos ideais e a causação adequada de Weber, obtiveram forte influência sobre os pesquisadores do XX. A história se vê questionada quanto ao seu estatuto epistemológico, de uma ciência que não revelaria a verdade, portanto, se fazia muito semelhante à arte literária.<sup>17</sup> A não capacidade de apreensão do concreto, um método onde não se sabe o que fazer diante do problema dos sujeitos e subjetividades históricas, coloca a história a “beira da falésia”.<sup>18</sup>

---

<sup>15</sup> Ibidem, p. 197

<sup>16</sup> Resguardada à obra de Weber do século XX como acima referido.

<sup>17</sup> Ver: WHITE, Hayden V. **Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura**. São Paulo: EDUSP, 1994.

<sup>18</sup> “A imagem é bela para designar a inquietude própria a toda história que tenta essa operação limite: dar conta na ordem do discurso da “razão”, ou desrazão das práticas - tanto dessas práticas dominantes que organizam normas e instituições quanto daquelas, disseminadas e menores, que tecem o cotidiano ou sustentam os ilegalismos”. CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. p. 150

A introdução de novos temas e fontes na História contemporânea trouxe novos métodos, neste sentido o início do XX existe uma busca das estruturas determinantes dos fenômenos. O estruturalismo de Strauss fica em alta neste momento, os *Annales* escrevem sob sua influência e de Saussure. Os franceses atingem o cume de “tentação” metodológica, na perspectiva filosófica de Althusser, afirmação definitiva de explicação dos fenômenos históricos por observação de estruturas imutáveis, negando a atividade empírica como método real, afirmando que;

A verdade da história não pode ser lida em seu discurso manifesto, porque o texto da história não é um texto em que fale uma voz (o Logos) mas inaudível e ilegível anotação dos efeitos de uma estrutura de estruturas.<sup>19</sup>

Contemporâneo a Althusser, Michael Foucault, propõe um método que compreende a genealogia e a arqueologia da história. Este também influenciado pelo estruturalismo, buscou determinantes de formações de regras de enunciações discursivas que dão formas aos sujeitos. O grande rompimento se daria na junção com o método da genealogia, onde não busca a origem, mas as determinantes dos acontecimentos, busca por estruturas<sup>20</sup> historicamente constituídas.

Para Foucault, as estruturas não são imutáveis, a-históricas, são observáveis em sua temporalidade e se modificam. Porém, na laboração escrita de seu texto, por mais que não fosse objeto de sua pesquisa, os sujeitos e suas possibilidades de intervenção/reação como fator também determinante, não ficou amplamente aparente, seu método compreendia a revelação de um aspecto, deixando de lado outros<sup>21</sup>, tentava solucionar problemas de uma história que não observava determinantes que tinham valoração muito grande para efeitos de resultados em pesquisa.

### **A respeito de Marx...**

Neste momento do texto retomaremos a totalidade dialética Marxiana como método para pesquisa histórica. A luz dos apontamentos metodológicos de Marx, buscaremos uma reflexão crítica acerca de uma disciplina que se viu a “beira da

---

<sup>19</sup> ALTHUSSER Apud. THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. p.23

<sup>20</sup> Utilizamos o termo “estrutura” por falta de vocabulário mais apropriado para definição.

<sup>21</sup> Foucault se empenhou nas práticas em algumas obras que não foram utilizadas para este texto.

falésia”. Em sua introdução a crítica<sup>22</sup>, Marx sistematiza aquilo que foi desenvolvido em suas obras<sup>23</sup>, o método da economia política está apontado em suas pesquisas. Na “crítica” Marx tenta abreviar em que consiste esta concepção de pesquisa histórica.

Marx dá início ao texto indicando o que é a produção material, compreendendo o homem como ser político e social. Seu diálogo se realiza no enfrentamento de autores como J. Stuart Mill, defensor de uma compreensão de produção que naturaliza fatores comuns à sociedade capitalista estendendo para história dos povos, em seu caso a propriedade privada e o direito como elementos naturais que identificaria o que seria produção em qualquer outra sociedade. Formula um método no qual a observação de fenômenos específicos como troca ou circulação é entendida em si ou pela derivação da produção, Marx o responde; “Toda produção é apropriação da natureza pelo indivíduo, no interior e por meio de uma determinada sociedade”<sup>24</sup>, assim a propriedade privada não é condição de produção, pois, a história mostra o contrário, a exemplo da experiência da propriedade comum como fator de produção. Marx procura rechaçar correntes como essas que em seus procedimentos compreendem a sociedade pelas partes especificamente selecionadas que determinaria o todo.

A compreensão de totalidade dialética<sup>25</sup> é das mais importantes para construção da concepção de História em Marx. Este não pretende fazer uma história do universo ou universal, pois essa deve ter por objetivo denunciar as determinações, as especificidades de cada lugar/tempo. O todo na história só poderá ser explicitado pelo efeito de análise da totalidade, onde as partes devem ser compreendidas pelo todo, e este pelas partes, demonstrado a dialética que está contida na “natureza” das relações sociais históricas. O todo é a união das partes e está contido nelas.

Não se pode revelar a produção sem entendê-la como determinante e determinada pelo consumo.

---

<sup>22</sup> Referimo-nos a introdução de “Para crítica da economia política”, escrito por Marx entre 1857-1858, publicado somente em 1902 por Kautsky.

<sup>23</sup> Marx escreve primeiro a Introdução, porém opta por deixá-la de lado por compreender que o método demonstrado no decorrer do texto seria mais bem entendido.

<sup>24</sup> MARX, Karl. Para crítica da economia política. In: MARX, Karl. **Os Pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1991. p. 06

<sup>25</sup> Referimo-nos a concepção Hegeliana dialética presente nos textos de Marx, pois o debate já era desenvolvido desde a filosofia da antiguidade.

A produção é, pois, imediatamente consumo; consumo é, imediatamente, produção. Cada qual é imediatamente seu contrario. Mas, ao mesmo tempo, opera-se um movimento mediador entre ambos. A produção é mediadora do consumo, cujos materiais cria e sem os quais não teria objeto. Mas o consumo é também mediador da produção ao criar para os produtos o sujeito, para o qual são produtos. O produto recebe seu acabamento final no consumo.<sup>26</sup>

Na busca por determinantes da história, encontra estruturas e conjunturas, e sujeitos como objeto, conjunto esse que define os tempos e as temporalidades, sincronia e diacronia interagindo. A sincronia como equilíbrio e contradição, a diacronia como o movimento associado ao tempo determinada e determinante para o estabelecimento de sincronia.

Quando Lévi-Strauss toma de empréstimo a famosa frase de Marx, “os homens fazem a história, mas não sabem que a fazem”<sup>27</sup>, o faz para justificar seu método. Pois os homens a fariam inconscientemente, assim a busca pelas estruturas estaria legitimada pelo próprio Marx. Porém esqueceu-se de citar outro trecho, quando este diz;

Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado. A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos.<sup>28</sup>

Uma leitura mais atenta do texto de Marx nos permite dizer que estes sujeitos, **homens** que “fazem sua própria história”, não escolhem os meios com os quais lidam, mas lidam com os que são herdados do passado, e mesmo a forma de lidar é em parte legado de costumes e experiências reais, concretas, que só podem ser cognoscíveis observando sua temporalidade, porém ressignificam e constituem adaptações e renovações, e mesmo rupturas definitivas com as estruturas.

Nem toda atuação dos seres humanos é consciente, mas estes são seres que possuem consciência, realizadas historicamente. Os homens atuam sobre as

<sup>26</sup> MARX, Karl. Para crítica da economia política. In: MARX, Karl. **Os Pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1991. p. 09

<sup>27</sup> LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural dois**. 6. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003. p. 39

<sup>28</sup> MARX, Karl, 1818-1883; ENGELS, Friedrich. O dezoito Brumário de Luís Bonaparte. IN: **Obras escolhidas**. São Paulo: Alfa Ômega, s/d. Vol. 1. p. 224

circunstâncias que são dadas pela história, mas a história é constituída de ocorrências dadas pelas relações dos sujeitos em movimento.

Consciências não são eternamente estáveis ou imutáveis, assim como as estruturas que também as determinam não o são, estas foram determinadas historicamente. Para tanto, mesmo as manifestações da organização econômica na história, modos de produção, devem ser observadas do ponto de vista da totalidade das relações, pois estes não são meros determinantes das condições históricas vividas, e sim são parte do todo dos indivíduos; “A maneira como os indivíduos manifestam sua vida reflete exatamente o que eles são, o que eles são coincide, pois, com sua produção, isto é, tanto com *o que* eles produzem quanto com a maneira *como* produzem.”<sup>29</sup> Logo observar a organização econômica é observar em parte o que constitui e é constituído por esses indivíduos historicamente determinados.

Segundo Coelho<sup>30</sup> “Cada ato humano, embora responda a sua própria causalidade, só se viabiliza historicamente a partir da totalidade de relações sociais na qual se inscreve, totalidade que depende, por sua vez, para poder existir, das relações de classe”. A luta de classe<sup>31</sup> é ponto fundamental para compreensão diacrônica da história, pois a história é movimento, transformação. O objeto da história está nas especificidades da temporalidade, nas transformações, pois *o* “conceito de totalidade é *dinâmico*, refletindo as mediações e transformações abrangentes, mas historicamente mutáveis, da realidade objetiva. A totalidade na teoria marxista é um complexo geral estruturado e historicamente determinado”.<sup>32</sup>

Quando Foucault aborda as ocorrências de controle de discurso que põem em situação de exclusão o louco, refere-se há um momento histórico específico, não é sempre que a loucura foi alvo de um discurso exclusivo. Porém, os mecanismos que operacionalizaram o poder para reinventar, ou por na ordem do dia, o discurso sobre a loucura é que precisa ser historicizado. Este narra à história, circunstâncias em que o

---

<sup>29</sup> MARX, Karl, 1818-1883; ENGELS, Friedrich. O dezoito Brumário de Luís Bonaparte. IN: **Obras escolhidas**. São Paulo: Alfa Ômega, s/d. Vol. 1. p. 13

<sup>30</sup> COELHO NETO, Eurelino Teixeira; FONTES, Virginia Maria. Introdução, IN: **Uma esquerda para o capital: crise do marxismo e mudanças nos projetos políticos dos grupos dirigentes do PT (1979-1998)**. 2005. 2 v. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal Fluminense. p. 29

<sup>31</sup> Podemos pensar luta de classes no seu sentido heurístico como fez Thompson.

<sup>32</sup> BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1988. p. 381

sujeito louco é inventado. Portanto, não se perde a dimensão histórica dos acontecimentos, mesmo que sob a análise dos discursivos.

Na esteira de Foucault, Chartier<sup>33</sup> buscou a solução mais completa em sua proposição, o método da História deveria procurar as implicações das determinantes discursivas, suas regras de enunciação e de recepção pelos sujeitos, mas também a recepção, apropriação e ressignificação por estes mesmos sujeitos sociais, tudo de forma inter-relacional. Portanto, aparecem as “estruturas” do tempo, como determinantes, mais as possibilidades de releitura e interpretação por sujeitos que são constituídos e se constituem no tempo histórico. A dimensão totalizante de aspectos significantes para a pesquisa histórica aparece muito firme na História Cultural, pois tem o parâmetro da totalidade de relações observáveis que são determinantes, desde aspectos políticos estruturais e subjetivos, a intervenção historicamente desenvolvida pelos sujeitos sociais sobre essas estruturas, reconhecendo a importância das relações sociais de força.

Marx não é simplista a ponto de considerar apenas alguns aspectos de forma isolada como preponderantes na determinação histórica, como afirma Lukács<sup>34</sup> “não é o domínio dos motivos econômicos na interpretação da sociedade que constitui a diferença decisiva entre o marxismo e a ciência burguesa, mas sim *o ponto de vista da totalidade*”.

A totalidade enquanto método busca a máxima de determinantes; a explicação do todo só poderá ser compreendida pelas partes e vice-versa. A constituição de um discurso sobre os sujeitos é um aspecto, como esses se realizam historicamente deve ser levado em consideração à relativa autonomia que possuem para tal. “Os homens fazem sua própria história”, devemos nos ater a esta observação e, por conseguinte, procurar entender que *não a* “fazem como querem”, mas de acordo as condições existentes.

A dispersão, ou fragmentação da totalidade em muitos autores permitiu o desenvolvimento metodológico de aspectos importantes, porém perde a vitalidade da pesquisa histórica desenvolvida em Marx. A concepção de Marx sobre totalidade o levou a respeitáveis alcances na investigação e criatividade, onde superou ou ao menos,

---

<sup>33</sup>

<sup>34</sup> LUKÁCS Apud. BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1988. p. 381

reelaborou problemas metodológicos pela dialética da totalidade herdada de Hegel. Como exemplo do método histórico, no *XVIII Brumário*, Marx ostentou uma grande série de fatores determinantes para a história, desde a personalidade de um sujeito, Luís Bonaparte, a tradições culturais e desenvolvimentos históricos dos subalternizados do campo e cidade, a estruturas sociais, culturais e políticas herdadas de um passado e a possibilidade histórica de intervenção dos sujeitos nesta. Estes tantos, só poderiam ser realizáveis nas suas relações dialéticas. Destarte, a História é compressão de um todo e partes de forma dialética, “A razão dialética capta o singular, o individuo na totalidade e através da totalidade, pois ela o situa no todo”.<sup>35</sup>

## 2. CONSIDERAÇÕES...

Propôs-se neste texto uma volta à leitura de Marx e sua contribuição muito atual para a história enquanto disciplina. A perspectiva totalizante como questão, muito contribuiu e ainda tem por contribuir para nossas pesquisas. Temos por entendimento que esta foi fragmentada em grandes autores que também contribuíram muito para o desenvolvimento das pesquisas na área de História e disciplinas afins, porém, para proposição das problemáticas epistemológicas expostas por estes, acreditamos que Marx ainda é atual em suas reflexões.

Durante décadas o debate sobre estruturas e conjunturas arregimentou pesquisadores e obteve fôlego, dispersando aspectos que foram compreendidos por Marx no seu conjunto, é hora de voltarmos a tal, reunir as partes no todo totalizante, considerando essas contribuições que foram realizadas pela análise de partes, ou somente do todo, ou privilegiando um ou outro. Gostaríamos que pudéssemos realizar uma reflexão mais profunda sobre como a concepção de totalidade predominante nos autores do século XX que foram importantes para fundamentação de linhas de pesquisa, é herdeira de Karl Marx e suas obras, mas por hora esperamos ter aproveitado bem o espaço.

## 3. REFERÊNCIAS

---

<sup>35</sup> OLIVEIRA, Manfredo Araújo. **Tópicos sobre dialética**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. p. 38

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

COELHO NETO, Eurelino Teixeira; FONTES, Virginia Maria. Introdução, IN: **Uma esquerda para o capital: crise do marxismo e mudanças nos projetos políticos dos grupos dirigentes do PT (1979-1998)**. 2005. 2 v. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal Fluminense.

COELHO NETO, Eurelino Teixeira. **Para a crítica de certa razão histórica: sobre o método e os historiadores**. Anais da ANPUH, 2007.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. 6 ed. São Paulo: Nacional, 1972.

FOUCAULT, Michel; MACHADO, Roberto, Org. **Microfísica do poder**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural dois**. 6. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

MARX, Karl, 1818-1883; ENGELS, Friedrich. O dezoito Brumário de Luís Bonaparte. IN: **Obras escolhidas**. São Paulo: Alfa Omega, s/d. Vol. 1.

MARX, Karl. Para crítica da economia política. In: MARX, Karl. **Os Pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo. **Tópicos sobre dialética**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

QUINTANEIRO, Tânia; BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira; OLIVEIRA, Márcia Gardênia de. **Um toque de clássicos: Durkheim, Marx e Weber**. Belo Horizonte: UFMG, 1995.

REIS, José Carlos. História e Estruturalismo: Braudel *versus* Lévi-Strauss. In: **História da Historiografia**, Número 1, agosto 2008.

THOMPSON, E. P. **As peculiaridades dos ingleses**. Campinas, Edunicamp, 2002.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

WEBER, Max. **Metodologia das ciências sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

WHITE, Hayden V. **Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura**. São Paulo: EDUSP, 1994.